

# **A construção da Colônia Santa Rosa na perspectiva da cartilha “A Princesa do Vale do Canindé: Narrativas de Santa Rosa do Piauí”**

Luana da Silva Araujo

Ma. Diná Schmidt

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar as perspectivas narradas na cartilha *“A Princesa do Vale do Canindé: narrativas sobre Santa Rosa do Piauí”*, buscando entender através dessas narrativas como se deu o processo de construção da colônia-santa rosa, antiga *Fazenda Patos*, área que pertencia ao município de Oeiras-PI. O projeto ANDA – Associação Nordestina de Desenvolvimento Agrícola, trazido pelo bispo da diocese de Oeiras, Dom Edilberto Dinkelborg, foi um fator de grande importância, tanto para a Colônia-Santa Rosa quanto para a antiga capital Oeiras. Procurando relatar como se formou esse território e quais os primeiros donatários que habitavam nessa região. Falar também da chegada dos alemães para essa região e a relevância do bispo na construção dessa colônia. O objetivo da pesquisa é compreender a construção da Colônia-Santa Rosa, onde existe uma necessidade de resgatar fatos passados, para o entendimento do futuro. O trabalho foi desenvolvido através da cartilha *A Princesa do Vale do Canindé: narrativas de Santa Rosa do Piauí*, de pesquisas bibliográficas, entrevistas e pesquisas sobre o processo de construção da mesma. No entanto, serão utilizados na pesquisa: Revista do Instituto Histórico de Oeiras, entrevista dada pelo padre João de Deus, entrevista com o atual prefeito da cidade e algumas fotografias que irá nos proporcionar muitas informações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Santa Rosa do Piauí; Memória; Colônia Agrícola; Igreja Católica.

## Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo caracterizar o processo de formação da Colônia de Santa Rosa, considerando os aspectos sociais e religiosos que envolveram o processo a partir da condução pela ANDA -Associação Nordestina de Desenvolvimento Agrícola – e pela Diocese Católica de Oeiras, Piauí, entre 1961 e 1971. A partir desta caracterização, iremos analisar como a Colônia é apresentada como mito formador do município de Santa Rosa do Piauí na cartilha feita pela prefeitura municipal sobre sua história. A cartilha é intitulada “*A Princesa do Vale do Canindé: Narrativas de Santa Rosa do Piauí*” e foi publicada em 2022. Para realização deste trabalho articulamos, portanto, dois momentos históricos, visando pensar a relação presente passado na História de Santa Rosa do Piauí. Como recorte geográfico, estabelecemos os atuais municípios de Oeiras e Santa Rosa do Piauí, cujas histórias se cruzam pelo desmembramento da primeira em relação a segunda em 1992. Estes municípios estão localizados no Vale do Canindé, região centro-sul do estado do Piauí, historicamente marcado como berço da colonização e da história política do estado, abrigando a primeira capital até 1852.

Para realização da pesquisa são utilizados documentos da fundação e do fechamento da ANDA e da Colônia de Santa Rosa que estão publicados na revista do IH de Oeiras; fotografias que foram produzidas pela ANDA durante o funcionamento da colônia, estas foram fornecidas pelo acervo pessoal do senhor Carlos Hilário dos Santos; a cartilha desenvolvida e publicada pela prefeitura, em 2022; e entrevistas realizadas com o Padre João de Deus Leal<sup>1</sup> e com o prefeito de Santa Rosa do Piauí responsável pela realização da cartilha, Veríssimo Antônio Siqueira da Silva.

Com a atuação do bispo alemão Dom Edilberto Dinkelborg e com a participação de voluntários, através do projeto ANDA – Associação Nordestina de Desenvolvimento Agrícola - foram realizadas transformações importantes no uso do território que hoje forma Santa Rosa do Piauí, ao estabelecer uma colônia agrícola, formato disseminado como instrumento de intensificação produtiva e de disciplinarização do trabalho, desde o século XIX. Neste caso, articulava-se com o intuito de tirar a Diocese de Oeiras de uma crise econômica, fazendo, assim, o desmembramento e a expansão da antiga Fazenda Patos. Sob as mesmas circunstâncias, também ocorreria o desmembramento de outros

---

<sup>1</sup> Padre João de Deus de Carvalho Leal, 73 anos de idade, nascido no ano de 1950, na cidade de Picos do Piauí.

povoados próximos daquelas terras. A ANDA –Associação Nordestina de Desenvolvimento Agrícola- foi fundada em 17 de maio de 1961, na cidade de Oeiras, e colocava como sua finalidade contribuir para que a região onde exerceria suas atividades se integrasse no processo sócio-econômico geral do país e do mundo, sobretudo pela produção familiar no campo e do desenvolvimento de comunidades rurais.

### **Diálogos teórico-metodológicos**

Para efetuar a análise das fontes e do objeto, foi preciso fazer um levantamento teórico e metodológico para o trabalho sobre realização de entrevistas orais, utilização de fotografias como documento histórico, a relação entre memória e a construção de um discurso comemorativo como o apresentado na cartilha.

As fotografias trazem inúmeras possibilidades quando interpretadas como fonte históricas. Para compreendermos a fotografia como fonte histórica é importante levar em conta os usos sociais que agenciaram o invento fotográfico ao longo do século XIX e XX, e consolidaram acervos importantes para a pesquisa.

A fotografia começa a ser usada no século XIX, sendo apenas um registro fotográfico na complementação do texto, e só mais tarde passou a ser utilizada como fonte primária.

Segundo as autoras, Lima e Carvalho: “quando a fotografia ingressou no mercado, em versões técnicas variadas, lançadas em pequenos lapsos de tempo entre 1839 e 1850; rapidamente nela se identificou a capacidade de atender às mais diferentes demandas sociais”. (LIMA, Solange Ferraz de – MP; CARVALHO, Vânia Carneiro de – MP. Fotografia; usos sociais e historiográficos., p. 29).

Buscando uso crítico da fotografia como fontes, selecionamos registros para compreender fragmentos do tempo histórico. Analisando as imagens trazidas pela cartilha podemos observar que a mesma apresenta memórias recentes, pois, apesar de não serem referenciadas a qualidade das fotografias são diferentes, pois apresentam cores mais vivas e detalhes pós emancipação, já as imagens cedidas pelo senhor Carlos Hilário<sup>2</sup> são do período de construção da Colônia, apresentam tons pretos e brancos, imagens com tons neutros, entregando serem tiradas por antiga câmera fotográfica. Além disso, a leitura das imagens possibilita fazer reflexões e ajuda na abordagem das representações sobre o passado. Estas fotografias estão presentes, em parte, na construção da cartilha analisada.

Com isso, a questão da memória e da oralidade serão importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo POLLAK (1989), as memórias são coletivas e as individuais são construídas a partir de grupos sociais:

Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio de memória, que são lugares de comemoração. Os monumentos por exemplo, podem servir de base a uma relembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (POLLAK, 1989, p. 202)

O autor nos mostra que em locais distantes, ou seja, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, pode se constituir como um lugar de grande importância para a memória social.

Além disso, quando usamos as entrevistas orais como fonte de pesquisa ALBERTI (2005), na década de 1960, nos fala que a partir do aperfeiçoamento do gravador portátil, se tornaram frequentes as “entrevistas de história de vida” com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo.

Foi a fase conhecida como da História oral “militante”, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para “dar voz” às minorias e possibilitar a existência de uma História “vinda de baixo”. Esses pesquisadores procuravam diferenciar-se da linha seguida pelo Columbia History Office, que privilegiava o estudo das elites, e, por isso mesmo, passou a ser visto como exemplo daquilo que não se deve fazer. (ALBERTI, 2005, p. 157)

Desde então, as publicações que reproduziam entrevistas realizadas com camponeses e trabalhadores, sobre sua trajetória e sua vida cotidiana, fizeram um grande sucesso nos Estados Unidos e na Europa.

Alberti ainda vem falar que, algumas das práticas e crenças da chamada História Oral “militante” levaram a equívocos que convêm evitar. É o que nos fala a citação:

O primeiro deles consiste em considerar que o relato que resulta da entrevista de História oral já é a própria “História”, levando à ilusão de se chegar à “verdade do povo” graças ao levantamento do testemunho oral. Ou seja, a entrevista, em vez de fonte para o estudo do passado e do presente, torna-se a revelação do real. (ALBERTI, 2005, p. 158)

Ela fala que o primeiro equívoco está relacionado em considerar que a entrevista publicada já é “História”, e não apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessita de interpretação e análise. E o outro equívoco é decorrente da História Oral “militante” que diz respeito aos usos da noção de História “democrática”, ou História “vista debaixo”.

Para execução deste artigo foi preciso fazer uma entrevista com o padre João de Deus Leal, atualmente exerce função de pároco em Oeiras. Chegou em Oeiras em 1979, após a finalização do projeto ANDA e do envolvimento direto da diocese de Oeiras no processo de constituição da colônia de Santa Rosa. No entanto, como partícipe dos projetos pastorais posteriores de Dom Edilberto e próximo a ele, tem conhecimento do processo e da documentação.

A segunda entrevista realizada foi com o prefeito atual de Santa Rosa do Piauí, Veríssimo Antônio Siqueira da Silva, idealizador da cartilha analisada e, na condição que ocupa, patrocinador do projeto executado pela prefeitura. A realização da entrevista visou compreender um pouco mais sobre a idealização da cartilha, como será analisado no decorrer do artigo.

Tais colocações sobre memória e história oral nos permitem refletir, inclusive, sobre os entrevistados que foram escolhidos para a construção da cartilha. Segundo o prefeito, idealizador deste trabalho memorialístico, seriam “pessoas mais velhas do lugar, que viveram na época, alguns colonos, os mais idosos que conviveram no início do povoamento e também no período da ANDA” (SILVA, 2024). Observamos, portanto, que o prefeito busca legitimidade para a cartilha no testemunho de quem viveu este processo. Acrescenta-se, ainda, que as pessoas escolhidas para o desenvolvimento da cartilha foram professores e profissionais da área do Direito que trabalham para o município. Esta composição da equipe, nomes locais sem um filtro profissionalizante, e o lançamento da cartilha no ano do aniversário de 30 anos da emancipação de Santa Rosa do Piauí, permitem visualizar que se trata de um esforço comemorativo como o designado por Todorov:

A comemoração tem seus locais privilegiados: [...] a vida política: os discursos sobre o passado (desde o presidente da república ao do prefeito de um pequeno município) [...]. Sem dúvida, a comemoração de alimenta de elementos trazidos pelas testemunhas e pelos historiadores; mas não se submete aos testes de verdade que são impostos a estes e àqueles. (TODOROV, 2002, p. 155)

Este panorama de diálogos nos permite analisar o conjunto de documentos das duas temporalidades aqui articuladas e os discursos elaborados sobre a formação da ANDA, da colônia e do município em seus entrelaces.

### **A participação diocesana**

É muito presente nos discursos memorialísticos e em trabalhos monográficos sobre Santa Rosa do Piauí a ênfase na atuação do Bispo Dom Edilberto e da Diocese de

Oeiras, evidenciando que, no século XX, assim como no XVIII e no XIX, a atuação da Igreja Católica é significativa na formação social e política das cidades piauienses. Atuação esta que ocupa lugar privilegiado na construção da memória destas cidades. Considerando este cenário, neste item é apresentado um panorama histórico desta atuação.

Sousa (2014) reforça a ideia sobre a colaboração do Bispo Dom Edilberto ao nos falar que:

Dom Edilberto Dinkelborg, um jovem bispo, naturalizado brasileiro e de origem alemã não economizou esforços para conseguir o êxito desta empreitada e assim, conseguiu na Alemanha grande parte dos recursos necessários para a implantação e desenvolvimento do projeto. (SOUZA, 2014, p.20)

A colocação de Sousa evidencia um discurso elogioso que se consolidou em relação a imagem do Bispo e da ANDA na formação da colônia Santa Rosa. Oliveira, em produção mais recente, contextualiza a atuação do Bispo dentro de uma atuação política mais ampla da Igreja Católica: “a necessidade da Igreja Católica em se envolver em causas sociais fez com que Dom Edilberto tentasse buscar soluções para os impactos deixados em Oeiras no século XX” (OLIVEIRA, 2022, p.07). Em ambas as abordagens, o que fica evidente é que a Diocese de Oeiras foi fundamental para o desenvolvimento da colônia Santa Rosa, que na época era parte do município de Oeiras e da diocese, o que ressalta a necessidade de pensar criticamente sobre este processo.

Como é comum em toda colonização portuguesa efetivada no Brasil, boa parte das cidades nasceram ao redor de uma Igreja. Devido à existência das várias fazendas que existiam no território piauiense, surgiram as vilas e povoados, que mais tarde se elevaram à categoria de cidades. Como tantas outras cidades piauienses, Santa Rosa não escapou deste contexto ao se originar a partir de suas atividades primárias, como: cana-de-açúcar, arroz, milho e carnaúba. De início essa região foi denominada de Fazenda Patos, por causa da proximidade com a Serra dos Patos, a primeira atividade exercida nessa fazenda foi a agricultura e a pecuária. Originando-se assim como sua cidade mãe, Oeiras:

No começo era a Fazenda Cabrobó, situada pelo pioneiro à margem direita do Riacho Mocha, à apenas seis quilômetros de sua barra no Canindé, predestinado curso d’água que, ora têm voluptuoso, orientou, por bem dizer, definiu e penetrou a ocupação dessa chapada que só vieram dilatar as fronteiras do sertão de rodelas. (DAGOBERTO, 1992, p. 15).

Através disso, podemos observar que a colonização do Piauí se deu a partir do deslocamento do gado bovino e da navegação através de rios e riachos, pois, com a

navegabilidade dos mesmos, seriam mais fáceis a exploração, pois, como no período de colonização não haviam as estradas, os cursos d’água serviam como caminho para o desenvolvimento destas regiões. Na escolha das terras para o projeto de colônia agrícola da ANDA, em meados do século XX, a escolha das terras da Antiga Fazenda Patos, também foi guiada pela presença de terras férteis ideais para agricultura, banhadas por um dos principais rios do Estado, o Rio Canindés, além de riachos como Engano e Rancharia.

As experiências de Colônias agrícolas já faziam parte da história do Piauí. Desse modo, Libério (2022) reforça a ideia de que as colônias agrícolas – civis ou militares – serviam como modelo de sociedade e trabalho no Império que visava estender seus braços pelo território do Brasil, ao nos falar que:

As colônias agrícolas, no Piauí, tomaram um rumo um pouco diferente. A adoção da política de fazendas nacionais é instituída visando o melhoramento da política agrícola da região, como também para disciplinarizar o negro escravizado nacional em processo de emancipação. (LIBÉRIO, 2022, p. 9)

Observa-se, a partir do trabalho de Libério, que a formação de colônias com a justificativa de melhorar o desempenho agrícola e treinar a população para desempenhar de formas consideradas adequadas o trabalho agrícola já havia sido utilizada como forma de controle de territórios e grupos sociais subalternizados. Esta prática foi disseminada no Brasil tanto século XIX como no século XX. Em outras regiões, especialmente no centro-sul do país, tais colônias contavam com população imigrante. No caso piauiense, os projetos focaram em fixar em determinadas áreas e disciplinarização da população local.<sup>2</sup>

Mesmo sendo na segunda metade do século XX, a Igreja Católica e a formação de uma colônia agrícola marcaram a formação do município. Assim, Santa Rosa não difere de muitas cidades, teve grande influência da Igreja em sua construção, pois através da Diocese de Oeiras e do Bispo Dom Edilberto, originou-se o projeto da ANDA e da colônia Santa Rosa.

Durante o século XIX e o início do XX, o Brasil e o mundo foram marcados com as renovações de ideias que nasciam da obra Católica. No país antes da abertura do Concílio Vaticano II, entre os anos de 1962-1965, existia um movimento de

---

<sup>2</sup> Para compreender melhor a opção por colônias formadas com população local, ver LIBÉRIO, 2022.

modernização partindo das Igrejas Católicas, principalmente no Nordeste, do Brasil. Para isso, parte das igrejas passaram de forma lenta a se envolver em questões sociais. Assim, o poder religioso ganhou espaço se envolvendo com as camadas subalternizadas. Sérgio Simeão, afirma que:

Os chamados “bispos nordestinos” viviam a ebullição das lutas camponesas. Os embates contra as injustiças de uma elite agrária e também os investimentos para combater outras doutrinas religiosas e os comunistas, fizeram com que muitos clérigos tomassem posições ao lado dos trabalhadores e trabalhadoras rurais (SIMEÃO, 2015, p.13).

Sendo assim, o Estado do Piauí é um dos exemplos onde até os dias atuais o catolicismo ainda é uma religião muito presente. Simeão relata sobre a polarização das Igrejas Batistas no Sul do Piauí e a preocupação das Igrejas Católicas em manter seus cristãos (SIMEÃO, 2015, p.13). Isso porque, com a oficialização da República, o Estado tornou-se laico e fez com que a Igreja Católica deixasse de ter poderes únicos.

Nota-se que a divulgação das Escrituras no Piauí não tem como único viés às renovações das ações liberadoras da Igreja Católica nos anos de 1970 e 1980. O que entendemos que aconteceu através dessas ações Católicas foi um processo de maior polarização dessas leituras e das Escrituras, principalmente na direção de Dom Augusto Alves da Rocha na Grande Região de Picos. Por outro lado, *houve uma maior presença da hierarquia católica no semiárido no sentido de controlar as ações dessas comunidades direcionando-as para doutrina Católica* (STEDILE, 2022, p. 31. Grifo meu.).

Além disso, as condições de vida das camadas mais populares foi algo que frequentemente preocupou os Bispos das Igrejas em busca de maneiras novas de manter o domínio religioso. A Igreja propunha buscar novas formas manter-se próxima da população empobrecida. Stedile comenta: “O maior escândalo do século XIX foi a Igreja ter perdido a massa operária, o santo Padre pensava, sobretudo, nos operários das fábricas. É o caso de concluirmos, com coragem cristã. Não cometamos a loucura de perder, também o operariado rural” (STEDILE, 2022, p. 31).

Diante dos novos tempos e da modernização a Igreja buscou novas expressões visando basicamente a evangelização da sociedade brasileira criando mecanismos de assistência, mas, sempre com o intuito de controle de massas dos fiéis. Oliveira (2022) afirma que:

Com a romanização da Igreja Católica ocorreu também a polarização de padres e bispos, afim de modificar sua organização e ajudar mais a população. Implantando suas iniciativas sociais a Igreja sempre se fazia presente mais especificamente na cultura dos piauienses. Em diferentes formas e cultos de devoções, novenas, festejos de santos, ainda “nos séculos XVII e XVIII precedeu a construção de vilas e cidades”. (OLIVEIRA, 2022, p. 5).

Desse modo, a formação histórica do Piauí se caracteriza também pela forte presença dos missionários Franciscanos e Jesuítas. Como em todo o Brasil, a igreja católica acompanhava as conquistas dos espaços coloniais portugueses pela catequese dos indígenas e pelos serviços religiosos prestados aos colonos. Em contextos diferentes, a Igreja Católica se fez presente utilizando diferentes estratégias.

Desse modo, com o falecimento dos donos Dr. Benedito Martins e sua esposa Rosa, passam a posse das terras e administração para sua filha conhecida como dona Filomena de Carvalho Mendes e seu marido Dr. Odilon Nunes. Uma vez viúva, Filomena vendeu a fazenda à diocese de Oeiras. Em entrevista dada à Oliveira (2022), Carlos Hilário comentou que “ao vender a fazenda para a igreja católica, cuja administração ficaria por conta do bispo Dom Edilberto Dinkelborg. Então no ato da venda dona Filomena pediu ao bispo para a fazenda chamar-se Rosa em homenagem a sua mãe e sua avó, sendo que ambas se chamavam Rosa” (OLIVEIRA, 2022, p. 5). Após isso, a fazenda passou a ser denominada de Colônia Santa Rosa, e com o seu desenvolvimento habitacional passou a povoado Santa Rosa, que se emancipou como Santa Rosa do Piauí, em 1992.

Sendo uma iniciativa da Diocese de Oeiras, é possível afirmar que o projeto ANDA, criado pelo bispo Dom Edilberto Dinkelborg conjuntamente com alguns padres da região, tinha como finalidade dar assistência às famílias que viviam do campo, afim também de manter e expandir as práticas religiosas de viés católico e exercer influência política no contexto de enfrentamento a doutrinas de esquerda e movimentos sociais mais radicais, como abordado com Simeão (2015). Vale lembrar que o projeto beneficiava somente as famílias que moravam já moravam na região. A cartilha “A Princesa do Vale do Canindé” (2022) idealizada e executada pela prefeitura Santa Rosa do Piauí, relata o seguinte sobre o projeto:

Dom Edilberto Dinkelborg, buscou amenizar a situação daquele povo/lugar fazendo de lá uma referência agrícola, para tão logo levar para outras paragens. [...] A associação era gerida pelos membros da Igreja Católica local, tendo como presidente permanente o próprio bispo. (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 33)

Observamos que a cartilha destaca a relevância da figura do bispo para a criação de novas localidades, como a que deu origem ao município, como seu lado humanista em busca de melhorias para a população do sertão. Assim, a colônia é apresentada como uma obra episcopal e de preocupação social, não atentando para as conexões políticas e de

controle social que poderiam estar atreladas ao projeto. A abordagem com foco no projeto de melhoria de técnicas agrícolas, envolvendo recursos e formas de trabalho mais modernizadas, repercute características destacadas em colônias agrícolas desde o século anterior.

Segundo Araújo (2013), as colônias agrícolas já eram uma realidade no XIX, ele explica que:

Esses estabelecimentos surgiram para atender a demanda do império na povoação do ‘interior’ do país, muitas dessas colônias foram estabelecidas na década de 1850, onde as colônias agrícolas militares, “foram exemplos da associação entre a função essencial do Exército com relação à manutenção e vigilância do território brasileiro e a criação de um ambiente propício à experiência e ao conhecimento sobre o país (ARAUJO,2013, p.58).

No entanto, esses modelos de colônias agrícolas militares eram propostos pelo próprio Ministério dos Negócios da Guerra, eles tinham como objetivo aproveitar os militares experientes, porém, com o intuito de conservar o padrão e rígido serviço militar.

Mas ambos os modelos de colônias, militares e civis, representavam, antes de tudo, um esforço de levar “civilização” ao interior, marcar a presença do País em locais não ocupados, ou mal ocupados no entender do governo. Sobre esse último ponto ocorreu fatos curiosos, (...) no Maranhão, logo após a Guerra, houve um quilombo completamente devassado para a criação de uma colônia agrícola (ARAÚJO, 2013, p. 2).

Ao observar historicamente o uso de colônias agrícolas como instrumento de incorporação e controle territorial, assim como de suas populações, não podemos deixar de observar que a Igreja Católica, no contexto do nosso objeto, fez este trabalho em consonância com seus objetivos de atuação social e religiosa.

### **Atuação e desativação da ANDA e a Colônia Santa Rosa**

Dom Edilberto Dinkelborg, frade franciscano, nascido na cidade de Epe – Renânia Alemanha, em 07 de novembro de 1918, faleceu em Salvador – BA em 31 de dezembro de 1991, foi sepultado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, na cidade de Oeiras do Piauí. Veio ao Brasil no ano de 1935 estudar no colégio Franciscano de Salvador. Logo após ser denominado Frade trabalhou naquela região até ser nomeado 3º Bispo da Diocese de Oeiras no período de 31 de outubro de 1959 a 18 de junho de 1978.

Em 1936, Dom Edilberto entra no Noviciado em Pernambuco e estuda vários cursos como Filosofia, Teologia e trabalhou no círculo operário da Bahia. Em seguida, no ano de 1959, foi nomeado pelo Papa João XXIII Bispo da antiga Capital Oeiras.

Criador do projeto ANDA, a cartilha o apresenta como alguém que colaborou na busca por melhorias de vida para o povo, principalmente da antiga Fazenda Patos:

Sua presença no Piauí mudou a realidade de milhares de pessoas, sobretudo, daquelas que hoje habitam a cidade Santa Rosa do Piauí, onde ajudou a empreender um dos maiores projetos agrícolas já estabelecidos no sertão nordestino. Exerceu o seu pastoreio por 32 anos. Quando faleceu em 31 de dezembro de 1991, em Salvador- Bahia (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 41).

A localização da qual Santa Rosa do Piauí faz parte atualmente era uma antiga Fazenda que integrava terras consideradas desativadas. A chamada Fazenda Patos, que integrou a formação da colônia Santa Rosa, era localizada no atual Bairro Fazenda. Assim, a cartilha retoma o processo de fundação do município e de sua formação populacional como consequência da atuação direta do Bispo e da formação da colônia a partir da ANDA, três décadas antes da emancipação.

Ao chegar na cidade de Oeiras, Dom Edilberto ligado aos interesses da Igreja Católica, que passava também por uma crise financeira naquela Diocese, e entendendo que a situação prejudicaria sua nomeação como Bispo da mesma, procurou implantar um projeto social da Igreja, o qual seria a solução para tal crise e também atuaria como projeto social e de alcance político. Tomando como referência atividades agrícolas e pecuárias, fortemente exercidas no estado do Piauí e que foram também historicamente relevantes para o desenvolvimento de toda região, mapeou lugares de vulnerabilidade social e com possibilidade territorial para receber o projeto. Com isso, já como presidente da ANDA, começou os trabalhos na região da Antiga Fazenda Patos, com a construção das primeiras casas, cedendo terras da fazenda para os agricultores desenvolverem a agropecuária.

A ANDA – Associação Nordestina de Desenvolvimento Agrícola, foi um projeto desenvolvido por Dom Edilberto Dinkelborg, com ajuda de uma entidade da Alemanha Ocidental chamada Misereor<sup>3</sup>, entidade essa que “auxilia os membros mais fracos da sociedade: os pobres, os doentes, os famintos e os desprivilegiados. Não importa se são homens ou mulheres que necessitam ajuda, qual a sua religião ou nacionalidade”<sup>4</sup>. É importante destacar a atuação de uma entidade católica da Alemanha Ocidental, em um contexto de Guerra Fria, contribuindo com pessoas e recursos para obras sociais em regiões com população pobre e efervescência de movimentos sociais, como colocado

<sup>3</sup> Misereor é uma Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação ao desenvolvimento, segundo seu site. Disponível em: <https://www.misereor.org/pt/sobre-nos> acesso em: 06/12/2024

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.misereor.org/pt/sobre-nos> acesso em: 06/12/2024

anteriormente. Assim, com o apoio dessa entidade e orientação do Bispo, os alemães que atuaram como voluntários colocaram o projeto em prática, fizeram o levantamento topográfico da região (Fazenda Patos) que havia sido comprado.

A ANDA foi fundada em 17 de maio de 1961, na cidade de Oeiras, surgiu como proposta de projeto em 1959, mas tiveram início os trabalhos de construções da área de agropecuária em 1962. A associação tinha “por finalidade contribuir para que a região onde exerce suas atividades se integre no processo sócio-econômico geral do País e do mundo, sobretudo pela promoção da família do campo e das comunidades rurais”, segundo o artigo 5º de seu Estatuto Social conforme publicado pelo número 12 da revista do IH de Oeiras (ANDA, 1971 In IHO 1992, p. 39. SIC).

Portanto, o projeto ANDA e a Colônia Santa Rosa foram articulados por Dom Edilberto e financiados pela instituição Misereor, instituição essa que é uma Obra episcopal da igreja Católica da Alemanha, na época Alemanha Ocidental. Uma instituição de atuação em regiões com populações pobres. O padre João de Deus Leal<sup>5</sup> afirma que:

A Misereor financiou muito essa estrutura de trabalho, por exemplo, tratores, gado que foi distribuído, a construção de casas. Isso foi financiado pela Misereor, por esta entidade e através do próprio Dom Edilberto, do bispo que estava aqui na época. (LEAL, 2023)

Segundo LEAL, o projeto tinha como objetivo:

Formar o trabalhador familiar, naquele tempo se chamava mais o pequeno agricultor, para uma agricultura um pouco mais avançada, com tecnologia e que teve uma produção que atendesse às necessidades da região e esse povo serve de modelo para o Nordeste, porque todo o Nordeste vive, na época sobretudo, vivia essa mesma realidade que esteve no Piauí. Então a proposta era essa, desenvolver a região, mas desenvolver quer dizer de uma forma organizada, onde todos participem e possam ter o resultado do fruto do seu trabalho. (LEAL, 2023)

A fala do Padre João de Deus ressalta como a colônia tinha um foco em modernização da produção e das formas de trabalho, elementos historicamente utilizados para incorporação e disciplinarização de populações marginalizadas ao escopo da sociedade capitalista, ou como colocado pela ANDA ao “processo sócio-econômico geral do País e do mundo...”.

---

<sup>5</sup> João de Deus de Sousa Leal, nascido em Picos do Piauí, em 1950. Conhecido popularmente como Padre João de Deus, veio para Oeiras do Piauí no ano de 1979, tendo atuado em proximidade com o Bispo Dom Edilberto. Atualmente, representa a face de atuação social da Igreja Católica em Oeiras.

Segundo o relatório de 1971 da ANDA, publicado pela Revista do IHO (1992), o intuito do projeto era fazer com que a Colônia Santa Rosa fosse um tipo de escola agrária. O documento afirma que:

A meta prioritária do projeto ANDA foi a Fazenda Santa Rosa, tendo em vista a criação de uma Colônia-Escola, que ajudaria os trabalhadores a alcançar um índice maior de produtividade. A ideia inicial da ANDA foi, através de um tipo de empresa, formar bases financeiras para suas atividades benéficas. Para esta finalidade, recebeu grandes ajudas de entidades filantrópicas da Alemanha Ocidental. [...] A ANDA, como entidade benéfica e mais ainda dirigida sob a responsabilidade direta da hierarquia da Igreja, não podia ter o aspecto nem as implicações de um tipo de “empresa”. (ANDA, 1971 In REVISTA DO IHO, 1992, p. 39-40)

Neste documento, observamos a reafirmação da preocupação com a disciplinarização dos trabalhadores rurais para uma atividade agrícola que fosse mais lucrativa, descortinando inclusive a intenção de obter lucros para financiar outras obras da Diocese de Oeiras, que, como já pontuado, passava por dificuldades econômicas. O mesmo documento evidencia também o processo de dissolução da ANDA e de Santa Rosa como colônia. Neste documento, um relatório que subsidiava o processo de encerramento das atividades, indica-se incompatibilidades entre o projeto com viés lucrativo e a atuação da Igreja Católica. Interessantemente, esta preocupação surge uma década depois do início de seus trabalhos e em meio a uma crise financeira da Associação, como veremos mais adiante.

A cartilha do município de Santa Rosa, dá um outro viés ao processo de dissolução da ANDA e da colônia ao afirmar que as atividades tiveram tanta entrega do Bispo que ele acabou se ausentando de suas atividades paroquiais:

Em virtude de seu presidente Dom Edilberto Dinkelborg chegar à conclusão que a sua jornada no projeto deveria se encerrar, segundo a Revista do Instituto Histórico de Oeiras, ao tomar a decisão de se afastar da administração da ANDA, Dom Edilberto procura buscar mecanismos para que outra entidade desse prosseguimento aos trabalhos desenvolvidos pela ANDA. Ao analisarmos a desarticulação da ANDA podemos ver a saída de Dom Edilberto como um momento de independência dos colonos. (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 53)

Observe-se também que na perspectiva da cartilha, ao narrar a transição da colônia para a formação de uma comunidade rural pertencente, na época, ao município de Oeiras, retrata como um momento de independência dos colonos em relação a ANDA e a colônia,

dando a este momento de ruptura um verniz positivo no contexto da história de construída sobre o município e sua formação atrelada a este projeto de modernização.

Por volta de 1971, foi tomada a decisão final da desativação do projeto agrícola ANDA buscando ajuda da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). O Bispo viu na SUDENE a possibilidade de repassar as atividades sem nenhum propósito financeiro para si mesmo. O órgão Federal seria uma maneira de desativar o compromisso da ANDA, mas, sem deixar de dar continuidade ao desenvolvimento daquelas terras que poderiam ter um futuro promissor para a região. Não houve respostas das autoridades em relação a situação de como iria ficar o fim das atividades desenvolvida antes pelo projeto ANDA (ANDA, Relatório de 1971 In Revista IHG de Oeiras, 1992).

Com isso, depois da falta de posicionamento da SUDENE, o mesmo juntamente com sua administração tomou outras iniciativas com outros Padres e Bispos, com destaque para o Padre Otto Beckman que criou a Cooperativa Agrícola Mista de Santa Rosa (COAMISAROL).

Durante a nova gestão, competiu ao padre Otton Beckmann dar outros rumos à ANDA, pois como entidade benéfica e, mais ainda, dirigida diretamente pela hierarquia da Igreja Católica, não poderia ter aspecto nem implicações típicas de empresas e, de fato, isso fez. (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 53).

A COAMISAROL foi criada em 01 de março de 1971 e com ela nasceu novas possibilidades de cada colono criar seu próprio patrimônio. Pois, acreditava-se ter encontrado a entidade adequada e decidida para dar continuidade aos trabalhos começados pela ANDA (ANDA, 1971 In IHO, 1992).

A criação da Cooperativa era uma nova página na história do lugar, algo que fez despertar o interesse de produtores de outras regiões. “A fertilidade das terras, somada à qualidade técnica existente ali, era algo que entusiasmava. No Vale do Canindé, não existia nada parecido, isso afirma o quanto é singular a formação social e econômica do povo da comunidade de Santa Rosa.” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 69). Tal afirmação feita na cartilha, mais uma vez busca positivar este processo de transição e reafirmar a singularidade do município que teria nascido de uma iniciativa com estas características e legado.

**Figura 01- COAMISAROL (1983)**



**Fonte:** *A Princesa do Vale do Canindé*, 2022.

A fotografia acima, retrata a estrutura onde funcionava a COAMISAROL – Cooperativa Agrícola Mista de Santa Rosa do Piauí, em 1983. Existente até os dias atuais no município, ela passou a ser chamada apenas pelo nome de Cooperativa. Podemos observar que neste período existia uma assistência da Polonordeste<sup>6</sup>, esse Projeto era dirigido no sentido de estimular o desenvolvimento das áreas secas do Nordeste. Portanto, embora a SUDENE não tenha respondido às solicitações da ANDA, em 1971, na década seguinte houve atuação governamental no apoio à cooperativa que deu continuidade ao projeto agrícola implantado pela ANDA.

A SUDENE, criada em 1959, “foi a instituição que ajudou a consolidar o processo de integração do Nordeste ao mercado nacional e coordenou as ações do Estado brasileiro na região, sendo, portanto, o principal instrumento da modernização econômica e social do Nordeste” (VIEIRA, 2008, p. 115). Assim, sua constituição é resultado das preocupações desenvolvimentistas predominantes à época e em consonância com a proposta da ANDA de integrar a região ao “processo sócio-econômico geral”. A busca pelo apoio da SUDENE evidencia esta correlação.

Dentro do contexto de buscar soluções para o Nordeste, o governo, a partir do “Decreto nº 74.794 de 30 outubro de 1974”, criou o projeto da Polonordeste, buscando promover o desenvolvimento das atividades de agropecuária principalmente na região do Nordeste. “A principal função da Polonordeste era aumentar a produtividade nas áreas rurais de regiões de vulnerabilidade, mas que seria uma solução imediata para os

problemas encarados pela seca da região” (FERNANDES, 1982, p. 41). Ainda nesse contexto, era também uma resposta as ligas camponesas e combate ao comunismo entre os pobres, coadunando com as preocupações da Igreja Católica, como vimos.

Focalizando a construção da estrutura que foi legada, em parte, por doação ou aluguel à Cooperativa e em outra parte em venda para os agricultores que se fixaram na comunidade que foi formada com a dissolução da colônia-escola, temos a Figura 2. Essa fotografia mostra as primeiras iniciativas de uma estrutura de moradia na antiga Fazenda Patos. Uma sequência de casas assentadas no meio do semiárido nordestino. A imagem registrada em perspectiva busca revelar o padrão das construções e retratar as famílias. “Os fotografados respondem ao apelo da lente e devolvem o olhar para a máquina sob a forma de um anseio de cumplicidade comunitária de influência católica.” (OLIVEIRA, 2022, p. 11).

**Figura 2- Casas Provisórias, 1965.**



**Fonte:** Acervo particular de Carlos Hilário dos Santos.

O local da foto corresponde hoje a um lugar mais afastado da cidade, onde ficam localizadas propriedades privadas que possuem plantações e 12 casas de fazenda. Os detalhes verdes nos fazem perceber que era inverno, período chuvoso na região. Logo atrás é possível ver a Serra dos Patos. As casas provisórias foram as primeiras etapas que podem ser vistas. De alguma maneira o projeto ANDA proporcionou uma certeza de que as mudanças estavam ocorrendo por ali. As iniciativas da Igreja Católica objetivavam uma melhoria econômica da região e, simultaneamente, manter encerrados em suas instituições religiosas os diferentes extratos sociais e, assim, não ceder ao avanço de outras práticas religiosas e espectros políticos.

Com isso, o projeto proporcionou para o pequeno povoado um número considerável de construções. Devidamente divididas, “as casas provisórias, eram mais simples. Havia também as habitações dos colonos, que eram erguidas com boa qualidade, num conglomerado que muito lembrava um conjunto habitacional de áreas urbanas” (in A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 38). Na Figura 2, essas casas seriam para os voluntários, que logo passariam a condição de possíveis moradores.

Leal nos fala que;

Antes da colônia, já existia a dona da Fazenda que morava naquelas terras, com alguns moradores que cuidavam da Fazenda. Mas era um número pequeno, muito reduzido, é tanto que para o assentamento, ele cadastrou 60 famílias, essas 60 famílias receberam um lote, uma área própria dimensionada para o trabalho daquela família e recebeu também a casa. (LEAL, 2023)

A ambição da modernização do projeto ANDA é constatável nas estruturas planejadas: as casas de alvenaria para os colonos com uma qualidade superior às casas tradicionais; os galpões para atender necessidades agrícola para estocar alimentos, esse plantados e colhidos nas terras da colônia Santa Rosa; além de estruturas como: centro social, oficinas, suprimento de água constante e encanada, usina elétrica com geradores, entre outras bases com diferentes finalidades (ANDA, 1971 In IHO, 1992, p. 40-1). As estruturas remanescentes estão localizadas, atualmente, no Bairro Fazenda da cidade de Santa Rosa do Piauí.

O projeto ANDA juntamente com os alemães, proporcionaram o povoamento construindo as primeiras casas na Colônia-Santa Rosa, com recursos conseguidos diretamente da Alemanha pelo bispo da diocese de Oeiras, D. Edilberto Dinkelborg. Para os trabalhos se iniciarem, vieram para essa região, topógrafos, padres, enfermeiros, assistentes sociais, veterinários, agrônomos, contabilistas, etc. Foram construídos vários galpões que serviam para almoxarifados, depósitos para alimentos e mantimentos, alguns deles ainda existem, também foram criados ambulatório, farmácia, oficinas, delegacia e casas para moradia, algumas dessas casas ainda existem outras foram destruídas pelo tempo.

A prioridade da ANDA adotada na Colônia Santa Rosa foi à agricultura e, pela primeira vez na região de Oeiras, esta passou a ser mecanizada, para isto, foram importados da Alemanha, diversos tratores e máquinas para utilização na agricultura. Que crescia de forma relevante na região.

## **Um olhar para a cartilha**

A cartilha utilizada como fonte de pesquisa foi lançada em 29 de abril de 2022, no período em que se comemorou o aniversário de 30 anos de emancipação política do município. A cartilha que busca contar uma versão do processo de construção da cidade de Santa Rosa do Piauí, desde a colônia Santa Rosa aos dias atuais, trazendo discursos contados por antigos moradores. Nessa perspectiva, buscamos analisar esses discursos, tal qual foram utilizados pelos autores da cartilha.

Em entrevista realizada com o atual prefeito da cidade de Santa Rosa do Piauí, Veríssimo Antônio Siqueira da Silva<sup>6</sup>, ele nos fala que o sentido da pesquisa da cartilha foi colaborar com a memória histórica da cidade, através de pesquisas feitas por profissionais de diversas áreas, como por exemplo: história, geografia, português e da área jurídica. Através de relatos dos moradores mais antigos, que tiveram participação ainda com o projeto ANDA. Durante a entrevista, o mesmo relata que “precisava colocar no papel assim como a cartilha, a história da cidade, pois havia apenas em monografias, sendo assim, houve a necessidade de buscar informações sobre a origem do município, de como foi criado, de onde veio” (SILVA, 2024).

Sendo assim, o mesmo ainda relata que o objetivo da cartilha é deixar para as gerações futuras pesquisas sobre o município, sabendo sua origem, de onde começou e onde tem essas informações. Deixando escrito a memória da cidade. Distribuindo para as escolas, para as secretarias de educação dos municípios que Santa Rosa faz vizinhança, além de disponível à venda. Ele ainda nos fala sobre a relevância de reconhecer a história da cidade e de seu interesse em deixar registros escritos sobre a construção da cidade, além de pontuar que dentro da historiografia do Piauí pouco se fala sobre a memória do município, e de como a ação do tempo é responsável de apagar fontes históricas capazes de contar a história dos indivíduos que por ali passaram.

Considerando a vontade de memória expressa pelo prefeito Veríssimo Antônio Siqueira da Silva, correlacionamos com o discurso do pioneirismo, um instrumento de memória e poder instrumentalizado por “colonizadores pioneiros” e também por seus descendentes que reivindicam no presente a prioridade histórica e, com isso, simbólica e cultural em determinadas cidades ou regiões (BAO, 2017).

---

<sup>6</sup> Veríssimo Antônio Siqueira da Silva, natural de Santa Rosa do Piauí, nascido em 17 de março de 1965, 59 anos de idade, advogado e atual prefeito da cidade, também idealizador do projeto da cartilha.

Os movimentos de colonizadores pioneiros evidenciam um processo presente em toda história do Brasil, inclusive isso se torna evidente com a chegada dos portugueses ao Brasil, ao relacionar a chegada dos mesmos como uma “descoberta”. A escrita da cartilha “A Princesa do Vale do Canindé” retoma essa memória de “herdeiros da história” quando o idealizador do projeto fala sobre sua vontade de guardar a memória de Santa Rosa de forma escrita, remetendo, também, ao discurso do comemorador como já evidenciado com Todorov (2002). Ao lançar essa cartilha, o mesmo sempre remete a algo como uma ideia pensada e criada por ele, se tornando herdeiro do pioneirismo da história narrada na cartilha.

Desse modo, os autores citados como escritores da cartilha nos falam que a origem da Fazenda Patos se perdeu com o tempo, mas as notícias mais remotas informam que a mesma pertencia ao casal Benedito Martins de Carvalho e Rosa Idalina Ferreira de Carvalho, pais de uma única herdeira chamada Filomena de Jesus Martins de Carvalho, esposa de Odilon Clementino de Carvalho. Família religiosa que tinha um apego devocional à santa, Santa Rosa de Lima. Em memórias refere-se que, a identidade de Benedito Martins segundo a cartilha dispara elogios à família, pontuando ainda que: “Foi um jurista notável, ocupou-se o cargo de juiz de Direito em diversas comarcas do Piauí, já Rosa era uma mulher religiosa e refinada no qual se manteve assim”. (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 24)

A região de Santa Rosa do Piauí, encravada na microrregião dos baixos agrícolas do Piauí, fica localizada à 54km de Oeiras e à 288km de Teresina capital do Piauí. As terras onde hoje se situa a cidade de Santa Rosa do Piauí, eram terras que pertenciam ao Estado do Piauí. Em 1959, existiam várias terras no Estado do Piauí que não possuíam nenhum tipo de exploração ou que eram utilizadas dentro de padrões considerados insuficientes do ponto de vista técnico e produtivo. “A Fazenda Patos, [...] não tardaria ter novos rumos. A dinâmica do tempo é impiedosa, tem o poder de mudar destinos e redigir uma nova história” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 32). Desse modo, havia chegado à Oeiras um casal interessado nessas terras, o Dr. Benedito Martins acompanhado de sua esposa Dona Rosa, e assim então, conseguiram comprar e oficializar em seu nome as terras que ficavam próximas ao Rio Canindé, riacho do Engano, Rancharia e a Serra dos Patos.

*A Princesa do Vale do Canindé: Narrativas de Santa Rosa do Piauí* nos traz uma narrativa contada a partir de entrevistas realizadas por antigos moradores desde à Colônia aos dias atuais, sendo assim, a cartilha nos fala que: “a ANDA oportunizou o descortinar para novos tempos. Era preciso abandonar as velhas amarras do passado e viver novas possibilidades” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 46.). Assim um passado de “atraso” marcado por uma fazenda pouco produtiva teria sido superado pelo projeto mais moderno da colônia escola com técnicas atualizadas e recursos para investimento.

Sendo assim, a ANDA foi um empreendimento que permitiu que a região ganhasse notoriedade nas novas práticas agrárias. “No local escolhido para ser a sede, logo na entrada, onde antes era o extensivo terreiro da *Fazenda Patos*, fez-se elevar um grande arco amparado por ceras laterais” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 47).

**Figura 3- Portal de Entrada da Sede Colônia Santa Rosa, 1973.**



**Fonte:** Acervo particular de Carlos Hilário dos Santos.

A fotografia foi tirada no ano de 1973. A intenção era buscar uma imagem ampla de maneira a assegurar uma visão imponente do projeto ANDA. “Segundo Carlos Hilário dos Santos, apesar de ter perdido sua qualidade com o tempo, podemos ver que se trata do portal de entrada da Sede da Colônia Santa Rosa” (OLIVEIRA, 2022, p. 12-13). Daí podemos destacar que a intenção era buscar uma imagem ampla, panorâmica, de maneira a assegurar uma visão majestosa do projeto ANDA. Podemos perceber que a Antiga Fazenda Patos já tinha um novo nome em razão do pedido de Filomena de Jesus Martins de Carvalho. Uma herdeira das terras e devota de Santa Rosa. O lugar ganhou seu nome em razão desse pedido, por ser o nome da sua mãe.

Ao lado direito, ao analisar é possível ver uma pequena construção fechada que se trata do posto de gasolina, apesar de não possuir tantos automóveis movido a gasolina naquela região, a ANDA tinha muitas máquinas que necessitavam ter estoques de gasolina que vinham em tambores de Oeiras-PI. Como pode se ver, próximo as paredes, existem seis tambores em que eram estocados o combustível. Depois de consumidos eram colocados do lado de fora.

As árvores estão completamente folhadas. Isso nos diz que seria inverno com céu limpo no momento do registro. No muro, em cima desse portal, havia um letreiro, quase ilegível na foto. Nele estava escrito: “Sede da Colônia Santa Rosa”. Apesar de bastante simbólica, o Portal foi totalmente destruído pelo tempo. O que resta são apenas lembranças do lugar. É significativo que este portal tenha sido destacado na cartilha, considerando sua imponência para o projeto da colônia e, na cartilha retomado, como um monumento importante deste passado.

**Figura 4:** *Drenagem do Riacho do Engano (obra de 1969).*



**Fonte:** A Princesa do Vale do Canindé (2022).

A fotografia retrata a drenagem do Riacho do Engano, como uma forma de irrigação para o plantio. “Nesse propósito, que foi realizado o trabalho de drenagem no Riacho do Engano, para que se pudesse aproveitar terras que antes eram inundáveis no período das chuvas.” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 39). O resultado dessa intervenção, somada a outras ações, elevou de maneira expressiva a produção agrícola da Colônia Santa Rosa. É pertinente que esta imagem tenha sido mobilizada na cartilha para representar as técnicas e estruturas desenvolvidas na colônia, pois representou um marco

importante na utilização do solo e da água para agricultura, enfatizando o processo de modernização e estímulo produtivo. A foto, que possivelmente não seja do momento que a drenagem foi realizada, exibe plantação exuberante e a atuação dos agricultores, reforçando a ideia que a colônia preparou estes para uma agricultura mais moderna e de melhores resultados.

Segundo a cartilha, a chegada de estrangeiros e a proposta da colônia-escola naquelas terras fizeram com que os antigos moradores desconfiassem do projeto:

No imaginário criativo dos nativos, aqueles que se dispusessem a participar das atividades da ANDA, viveriam em servidão e não mais seriam libertos. [...] O bispo não aceitava que aquele povo priorizasse a agricultura de subsistência, a mesma que vinha sendo praticada há tempos; a proposta era que todos integrassem o empreendimento agrícola (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 47)

Diante dessa situação, muitas famílias migraram para outras cidades e regiões, inclusive aquelas que viviam por ali há várias gerações. O misto de medo e a ausência de conhecimento fez com que essa gente deixasse de participar do projeto, na perspectiva da cartilha. No entanto, ao retomarmos o trabalho de Libério sobre a formação de colônias agrícolas do século XIX, que visavam disciplinar a mão de obra de libertandos e libertos, podemos compreender que há uma experiência histórica que explica o receio desta população em perder sua liberdade diante da normatização de suas práticas pelo projeto da ANDA, que visava suplantar uma cultura camponesa voltada à subsistência e autonomia no próprio trabalho.

Desse modo, os moradores que ficaram:

...assimilaram os propósitos dessa associação, ou que mesmo por falta de opção permaneceram junto à ANDA, e passaram a trabalhar em suas atividades. Conforme o nível de esclarecimento de cada um, ocupavam diversas obrigações, sendo que a mais comum era lidar com o campo, ou seja, trabalho braçal. (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 48)

No relatório de 1971, que encaminhava a dissolução da ANDA e da colônia, foi destacado que um dos obstáculos para a manutenção do projeto era a resistência a uma colônia-escola por "...ser difícil sua aceitação por parte das famílias rurais..." (ANDA, 1971 In IHO, 1992, p. 40). Observamos, portanto, que havia uma resistência ao projeto e suas formas de exercer, por meio da assistência e treinamento, um certo controle social. Aspecto este que é ignorado ou descaracterizado pela abordagem da cartilha.

Na perspectiva da cartilha, A ANDA deixou marcas profundas na geografia rural da antiga *Fazenda Patos*, tal efeito não se restringiu apenas à paisagem física. As

transformações se fizeram também no comportamento e na mentalidade de muitos agricultores que, aguçados pelas novas formas de produção, passaram a enxergar o futuro para além dos limites da *Serra dos Patos*. Assim, “o povo da comunidade Santa Rosa alimentava desejos mais alvissareiros” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 66).

ANDA teve duração de 10 anos. Surgiu como proposta de projeto em 1959. Em 1962, teve o início aos trabalhos de construções da área de agropecuária e se encerrariam por volta de 1971. As atividades tiveram tanta entrega do Bispo que ele acabou se ausentando de suas atividades paroquiais:

A partir de 1972, a associação passou a ser gerida pelo Padre Henrique Geraldo Martinho Gereon, natural da Alemanha. Na ocasião, ele estava à disposição da Diocese de Oeiras, sendo pároco da cidade de Simplicio Mendes. Após a desistência do Padre Otton, coube a ele enfrentar esse desafio e, consequentemente, dar um retorno positivo a Dom Edilberto. (in A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 69)

Por mais que quisesse revitalizar a ANDA, e dar prosseguimento aos seus objetivos, “o Padre Geraldo tinha em mente que a única forma de resolver seus problemas era colocando um ponto final em suas atividades.” (in A Princesa do Vale do Canindé, 2022).

**Figura 5:** Padre Geraldo em reunião com os colonos (1972)



**Fonte:** A Princesa do Vale do Canindé (2022).

A Figura 5 retrata uma reunião do Padre Geraldo com os colonos em um tipo de fazer “vista grossa”, no que para ele “era preciso cortar o mal pela raiz e livrar a Igreja desse imbróglio.” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 70). Com isso, causando um possível desconforto no Bispo Dom Edilberto. Porém, o Bispo parecia confiar plenamente

no Padre Geraldo, que por questões diversas estava afastado do Vale do Canindé, até mesmo a sede do bispado havia sido transferida para Floriano.

O Padre Geraldo com seus interesses não deixava nada passar sem ser visto, isso fez com que ele batesse à porta do então governador do Piauí, que na época era Hugo Napoleão, para então resolver uma situação nada agradável, pois, tratava-se do prédio da administração central da ANDA, que havia sido ocupado pelo Governo do Estado e nada se tinha dado em troca. “O Governador alegou que era uma cobrança indevida, uma vez que, em tempos passados, o Estado doou um antigo hospital na cidade de Floriano para servir de sede para o Centro Diocesano.” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 71)

Além disso, Padre Geraldo contra a situação, e ainda sem saída coube à gestão estadual fazer o pagamento pelo prédio. Dez anos à frente da ANDA, no sentido de resolver todas as suas demandas, conseguiu arregimentar duzentos e cinquenta mil marcos (moeda oficial na República Federal da Alemanha, nos anos de 1949 – 2002), e de posse desse dinheiro, foi em direção à Alemanha.

Por lá, pretendia quitar um vultoso débito que a associação tinha junto a uma instituição que lhes garantiu assistência financeira no auge de suas atividades. [...] Padre Geraldo se apresentou e expôs um relatório contundente a respeito da ANDA. Foi contestado, todavia colocou, mais uma vez, sobre a mesa as condições que tinha. (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 71)

Sem outra opção, os credores aceitaram receber o valor que dispunha o negociador. Contudo, Padre Geraldo conseguiu o que queria desde o início: “colocar um ponto final na ANDA pagando o seu débito maior e livrando-se de problemas futuros”. (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 71). Deixando em aberto para a população os tais problemas que isso poderia causar no futuro, pois a ANDA foi peça fundamental para os agricultores que ali residiam.

Ao retornar ao Brasil, Padre Geraldo encontrou-se com Dom Edilberto e, apresentou as contas da ANDA que havia sido quitada. “Após se desfazer de quase todo o patrimônio acumulado pela associação, era tempo de escrever uma nova história.” (p. 71). A partir disso, surgiu à necessidade de fazer da colônia um povoado. As facilidades para que os moradores conseguissem construir sua vida foi dada, as propriedades foram loteadas, casas, animais, fazendo disso um atrativo para outras pessoas que não pertenciam ao povoado comprassem lotes e construíssem sua casa própria. Tornando

assim possível o desenvolvimento local, a partir de sua expansão, construindo novas casas em locais mais distantes da Fazenda ocorreu o começo de uma nova fase da comunidade.

Foi uma Colônia, tornou- se povoado e mais tarde em 30 de abril de 1992 uma cidade do Estado do Piauí.

Elevada à categoria de município e distrito com a denominação de Santa Rosa, pelo artigo 35, inciso II, do ato das disposições constitucionais transitórias da Constituição Estadual de 05-10-1989, com topônimo, área territorial e limites estabelecidos pela Lei Estadual no 4477, de 29-04-1992, desmembrada de Oeiras. (OLIVEIRA, 2022, p. 19)

Boa parte das casas feitas pela ANDA foram compradas pelos próprios ajudantes do projeto que acabou residindo em Santa Rosa. Elas são vistas hoje pela população como uma condição de vida melhor através do ANDA. Algumas foram trocadas por gados e uma pequena quantia de dinheiro. Oliveira (2022) aborda que:

As construções que ainda existem e não foram compradas por nenhum morador são “protegidas” até hoje pela própria Cooperativa que existe até os dias atuais, ainda com a mesma finalidade. Atualmente, após tantos presidentes, a mesma não possui mais os olhares apreciadores da população, pois os seus trabalhos quase não são vistos com a mesma intensidade de antes. (OLIVEIRA, 2022, p. 20)

Contudo, a extinção da ANDA, não se tratava de apagar sua história, mas do fim do projeto. Em suma, “A ANDA deixou uma semente plantada que foi aos poucos sendo colhida” (A Princesa do Vale do Canindé, 2022, p. 71). Na narrativa sobre a finalização dos trabalhos da ANDA e extinção da colônia, observamos que a cartilha constrói um tom de coragem em fazer o que precisava ser feito para os sujeitos que conduziram este processo. Minimizando, assim, os problemas e resistências enfrentados pelo projeto. Neste tom, o encerramento da colônia e a criação do povoado e da cooperativa, com base na estrutura legada pela ANDA, torna-se um processo de crescimento em direção a futura emancipação.

### **Considerações finais**

A pesquisa aqui referente a história e memória de Santa Rosa do Piauí, buscou analisar as entrevistas narradas na cartilha “A Princesa do Vale do Canindé: narrativas sobre Santa Rosa do Piauí”, buscando entender como se deu o processo de construção da Colônia Santa Rosa e como a igreja católica usou a ANDA no processo de expansão da colônia e identificar a importância da ANDA para o povo santa-rosense.

A história da cidade possui poucas pesquisas realizadas. Com isso, buscamos apresentar algumas contribuições. A escassez de fontes ao produzir pesquisas sobre o nosso lugar social, estamos contribuindo para manutenção da memória, para construção identitária e para a produção historiográfica do Piauí, além de estarmos divulgando a nossa cultura.

Utilizamos fotografias apresentadas na cartilha, as mesmas foram fornecidas pelo senhor Carlos Hilário, que além de ser um dos moradores mais antigos, foi um dos voluntários e uma peça importante para a ANDA. Devido a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), não foi possível realizar uma entrevista com o mesmo, pois, é um senhor de idade teve alguns problemas de saúde durante esse período que dessa forma impossibilitou a realização dessa entrevista.

Além disso, a presente cartilha usada como fonte apresenta um olhar positivo sobre a história da Colônia Santa Rosa, com isso, ao iniciar o lançamento da cartilha, os idealizadores relacionam a mesma como uma pesquisa, mas ao realizar a leitura, pode ser visto diversos problemas sociais que não foram pontuados como: elitismo, exclusão social, controle religioso, e uma série de problemas ao utilizar fontes de maneiras vagas e sem referências. Busca além um olhar sempre heroísmo aos Padres, não pontuando os interesses pessoais da Igreja como mostra em toda história da Igreja Católica. Deixando sempre a entender que a população que participou na mão de obra era vista de forma excluída.

Sobretudo, a pesquisa enfatiza o nosso lugar social. Estamos contribuindo para a memória do espaço. Não apenas isso, colaboramos com a construção da História do Piauí que é um campo a ser ricamente explorado pelos historiadores, tão necessário para ajudar na desconstrução de que o Piauí é referência somente em fome e miséria.

A cidade de Santa Rosa do Piauí, nasceu através de um projeto Agrícola, intitulado de Associação Nordestina de Desenvolvimento Agrícola (ANDA), desenvolvido em 1959 e colocado em prática em 1961. Sendo, uma iniciativa do Bispo Dom Edilberto Dinkelborg, na tentativa de tirar a cidade de Oeiras Piauí, antiga Capital, de uma suposta estagnação. O projeto tinha como principal objetivo atender as necessidades do Estado do Nordeste, por ser uma região de extrema pobreza, além de ajudar financeiramente Oeiras e outras regiões vizinhas.

A iniciativa foi dada a partir da Igreja Católica, em específico da Paroquia Nossa Senhora da Vitória e a voluntários e representantes responsáveis pelo andamento e comprimento das atividades posta pelo projeto ANDA. Suas iniciativas buscavam melhorias e qualidade de vida para a população da Antiga Fazenda Patos.

O projeto foi criado dentro do âmbito da igreja católica, mais precisamente na Paroquia Nossa Senhora da Vitória, situada na cidade de Oeiras do Piauí, tendo o projeto agrícola como figura central os representantes da igreja católica, responsáveis pelo andamento das atividades da entidade.

A Associação Nordestina de Desenvolvimento Agrícola (ANDA), assumiu um importante papel para a população pobre daquela região conhecida como Fazenda Patos, o projeto representava o desenvolvimento, e o progresso da região, além de promover melhores condições de vida para o povo, legando mais coisas positivas do que negativas, como foi apontado pelos moradores da cidade de Santa Rosa. O projeto ANDA ajudou a construir a identidade do povo de Santa Rosa, que mantém suas memórias pela criação da cidade.

## **REFEÊNCIAS:**

### **Lista de Figuras:**

Figura 1: Coamisarol (1983) (A Princesa do Vale do Canindé)

Figura 2: Casas provisórias (1965) (Acervo particular de Carlos Hilário dos Santos)

Figura 3: Portal de entrada da Sede Colônia Santa Rosa, (1973) (Acervo particular de Carlos Hilário dos Santos)

Figura 4: Drenagem do Riacho do Engano (1968) (A Princesa do Vale do Canindé)

Figura 5: Padre Geraldo em reunião com os colonos (1972) (A Princesa do Vale do Canindé)

### **Entrevistas:**

LEAL, João de Deus de Carvalho, padre da diocese de Oeiras – Sagrada Família. Depoimento cedido à Luana da Silva Araujo. Oeiras-PI, 20 – SET – 2023.

SILVA, Veríssimo Antônio Siqueira da, atual prefeito de Santa Rosa do Piauí. Depoimento cedido à Luana da Silva Araujo. Santa Rosa – PI, 02 – MAI – 2024.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

A Princesa do Vale do Canindé : narrativas de Santa Rosa do Piauí / Edna Bezerra ... [et al.] – Teresina : Área de Criação, 2022. 120 p.

A questão agrária no Brasil : história e natureza das Ligas Camponesas. 1954-1964/João Pedro Stedile (org) – 2. ed.- São Paulo : Expressão Popular, 2012.

ARAÚJO, Johny Santana. **O estabelecimento de colônias agrícolas civis e militares na província do Piauí no pós guerra do Paraguai (1865-1888)**. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 6, n. 2, jul./dez. 2013. p. 57-77.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda negra, medo branco; o negro no imaginário das elites — século XIX / Celia Maria Marinho de Azeredo; prefacio de Peter Eisenberg — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAO, Carlos Eduardo, o discurso do “pioneiro colonizador” como elitismo cultural na cidade de Toledo/PR. v. 14, n. 1, Jan./Jun., 2017.

CARVALHO JR., Dagoberto ferreira de. 1948 – Passeio à Oeiras / Dagoberto Carvalho Jr. – 6º ed. – Teresina : Fundação Cultural do Piauí, 2010. 202, p.: il.

FAUSTO, Boris, História do Brasil, - 12º ed. São Paulo; EDUSP. 2004-2006.

FERNANDES, José Cândido. Polonordeste: Proposta Educativa do “Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado da Ibiapaba” – Ceará. 1982. 92 p.

LIBÉRIO, Chrigor Augusto. O debate sobre a construção das políticas emancipacionistas no Piauí. (1872-1885). Trabalho de Conclusão de Curso defendido no curso de Licenciatura Plena em História, UESPI, 2022.

LIMA; CARVALHO. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In – O Historiador e suas fontes., p. 29-60.

MOTT, Luiz. Piauí colonial: **população, economia e sociedade**. Teresina, 2. ed, 2010.

OLIVEIRA, Kamyla Lopes. Construções do espaço urbano de Santa Rosa do Piauí: Narrativas de Carlos Hilário dos Santos e Memória do Projeto ANDA (1962-1971).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no curso de Licenciatura Plena em História, UESPI, 2022.

QUEIROZ, Manoel Abílio de. Pesquisa Agropecuária no Polonordeste. 1977. 26 p.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS., (1991-1992), n.12.

SANTA ROSA DO PIAUÍ. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipédia Foundation, 2021. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Santa\\_Rosa\\_do\\_Piau%C3%AD&oldid=60216165](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Santa_Rosa_do_Piau%C3%AD&oldid=60216165)>. Acesso em: 18 de maio de 2024.

SOUSA, Elaine Regina Silva. Os Frutos da Terra: Projeto Agrícola ANDA e a Formação da Memória de Santa Rosa do Piauí. (1961-1977). 2015.

SOUSA, Ionete Ferreira de. Entre Fazenda Patos e Riacho Pequeno: à cidade de Santa Rosa do Piauí (1962-2012). 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem:** indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

VIEIRA, Alex Marques, A formação histórica de Santa Rosa do Piauí (1960-2000). 2010.

VIEIRA, Flávio Lúcio Rodrigues, O Banco Mundial e o Combate à Pobreza no Nordeste: O Caso da Paraíba. in Caderno CRH, Salvador, v. 21, n. 52, p. 113-129, Jan/Abr. 2008.